

CONFISSÃO

" C O N F I S S ã O "

Peça em 2 partes

com

UM AUTORCOSTA FERREIRA

UM POLEMISTA

e as seguintes personagens

MULHERA R T I S T A

HOMEM

SENHORA

SENHOR

VELHA

VELHINHO

MÃE

AMIGA

AMIGO

RAPARIGA

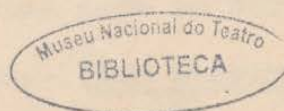
1º. RAPAÇ

2º. RAPAÇ

TÍMIDO

-.-

Escrita em Outubro de 1962



PRIMEIRA PARTE

A casa é sempre um local, em qualquer país do mundo, onde existam pessoas civilizadas.

No entanto uma arquitetura excelente não basta. Precisamente como um relâmpago a casa ilumina-se fortemente. A meio, de agosto para o público está a Mulher com um longo cabelo de noite e um cor-
po muito leve. Como um despertador para as vistas de bruxa-
mente para o público seguindo as coisas com o interesse.

A MULHER

(Um grito) Não! Não queiram obrigá-la a confessar!... (Parando

a discussão) PRIMEIRA PARTE

eu julgo que era outra vez a polícia... Eles queriam que eu con-
fessasse mas eu não confessei... (Presença) Não é porque eu es-
teja inocente. Eu sei que não estou inocente... Mas apenas porque
eu não sei confessar-me. Como não confessei eles acabaram por não
ter provas contra mim e sem todas as atitudes, com a maior cor-
reção podem crer... aliás eles trataram-me sempre com a maior
correção... Mandaram-me embora: "Vamos restituí-la à liberdade"

(Assustada) É liberdade! Como se fosse possível!... (Violenta)

Nunca estive tão presa como agora... sinto-me incapaz de tudo, até
de dormir... Na vez de dormir passeio pelas casas, sem ver nada de
que está à minha volta como se fosse sempre noite, noite sem luz...
Foi por isso que me assustei agora... E não foi a luz, a luz já
não me assusta, foram os vossos olhos... Os vossos olhos postos em
mim como um clarão, como um relâmpago. Já há muito tempo que não
é costume as pessoas olharem para mim como para um ser
humano. Vêem-me por acaso. Mas os senhores olham... (Um grito)

PRIMEIRA PARTE

A cena é apenas um local, em qualquer país do mundo, onde existam seres civilizados.

No escuro uma orquestra executa uma fuga. Bruscamente como um relâmpago a cena ilumina-se fortemente. A meio, de costas para o público está a Mulher com uma longa camisa de noite e um roupão muito leve. Como que despertada pela luz vira-se bruscamente para o público defendendo os olhos com o antebraço.

A MULHER

(Num grito) Não! Não queiram obrigar-me a confessar!... (Perante o silêncio deixa cair o braço e fixa a plateia) Desculpem, mas eu julguei que era outra vez a polícia... Eles queriam que eu confessasse mas eu não confessei... (Pressurosa) Não é porque eu esteja inocente. Eu sei que não estou inocente... Mas apenas porque eu não sei confessar-me. Como não confessei eles acabaram por não ter provas contra mim e com todas as atenções, com a maior correcção podem crer... aliás eles trataram-me sempre com a maior correcção... Mandaram-me embora: "Vamos restituí-la à liberdade" (Amargamente) À liberdade! Como se fosse possível!... (Violenta) Nunca estive tão pressa como agora... Sinto-me incapaz de tudo, até de dormir... Em vez de dormir passeio pelas casas, sem ver nada de que está à minha volta como se fosse sempre noite, noite sem luz... Foi por isso que me assustei agora... E não foi a luz, a luz já não me assusta, foram os vossos olhos... Os vossos olhos postos em mim como um clarão, como um relâmpago. Já há muito tempo que não é costume as pessoas olharem para mim como quem olha para um ser humano. Vêem-me por acaso. Mas os senhores olharam... (Num sorriso

de gratidão) As mulheres que estão na sala fitaram-me como se eu fosse como elas...Obrigada...infinitamente obrigada. Não podem calcular como nos faz bem pensar que os outros nos julgam pessoas normais...(Dominando-se) Mas desculpem, é preciso que eu diga qual quer coisa que faça sentido, que se explique...Porque estou eu aqui? Porque trouxe para aqui a minha insónia em vez de a passear no meu quarto como qualquer mulher, mesmo dessas anormais que acabam por engolir um tubo de barbitúricos?...Eu vou explicar: Foi um autor que me trouxe para aqui...Eu mal o conheço, julgo mesmo que ele não é um grande autor. É apenas um homem que há uns anos vive de escrever histórias e foi por isso que ele conseguiu trazer-me para um palco...Disse-me que eu ia começar sôzinha e que na altura própria ele apareceria...Eu encontrei-o uma noite...Ele parece que tem o costume de passear de noite e eu como todas as noites não podia dormir...Estava um calor sufocante. Pensei então que se andasse, andasse até me cansar muito acabaria por dormir. E saí. Já há muito tempo que não me preocupo com o que as pessoas podem dizer de mim. Saí. Andei, andei até que...(Ilumina-se um banco de jardim onde está sentado o Autor) Lá está ele!...Foi assim que ele olhou para mim...Pensei comigo mesma: "Coitado, algum solteirão que pensa que eu sou uma prostituta". Mas o olhar dele era diferente...era...Era assim (Ao Autor) Porque olha para mim dessa maneira? Eu não tenho medo. Basta soltar um grito para o guarda me ouvir.

O AUTOR

Eu também não tenho medo e não penso gritar pelo guarda.

A MULHER

O senhor é um homem.

O AUTOR

Sempre que posso. Quando não posso, estou só.

O AUTOR

Mais uma razão para ter medo. Bater-me nem sequer é uma cobardia.

A MULHER

O senhor pensa que eu sou...

O AUTOR

...Não! Não penso nada, o que há de encantador no nosso encontro é exactamente isso. É que eu não penso nada. Não faço a menor idéa de quem a senhora é, e por hábito, por educação talvez, sou incapaz de qualificar alguém partindo dum preconceito. Eu podia pensar neste momento que a senhora era...Enfim, partindo da idéa feita de que uma mulher nova e bonita que se passeia só a estas horas é... Mas não parto...Olho para si como um pintor olheria para uma tela branca. A senhora é uma hipótese de tudo e isso é um encantamento.

A MULHER

(Deixando-se cair no banco) Sou principalmente uma mulher extenuada.

(Pequena pausa) E o que há de mais revoltante é que sou uma mulher que não faz nada. O senhor já se cansou sem fazer nada?

O AUTOR

Só me canso mesmo quando não faço nada. O meu trabalho é uma festa.

A MULHER

O que faz o senhor?

O AUTOR

Escrevo.

A MULHER

Muito?

O AUTOR

Sempre que posso. Quando não posso, estou só.

A MULHER

Eu também estou só.

O AUTOR

Pois está. É precisamente isso a única coisa que eu sei de si.

A MULHER

Estou só e no entanto há tanta coisa à minha volta!

O AUTOR

Coisas que não quer ver?

A MULHER

Como sabe?

O AUTOR

É sempre assim. Todos nós temos à nossa volta imensas coisas. Quando nenhuma nos interessa, estamos sós.

A MULHER

O senhor agora estava só?

O AUTOR

...Horribilmente! Vazio...Sem sequer esperar...Cansado de nada... Tenho em casa neste momento uma mesa muito bem arrumada, com uma quantidade de cadernos de papel em branco...Não há nada mais desagradável para mim do que uma mesa de trabalho bem arrumada. Saí para a rua a fugir dela. Eu tenho medo de olhar para a minha mesa quando ela está assim. Dá-me a impressão de que a minha vida parou e a diferença que há entre a vida parada e a morte é apenas uma questão de tempo.

A MULHER

O senhor tem êxito na vida?

O AUTOR